

Só crítica a Sarney rende palmas

Do correspondente

Manaus — A recepção que teve em Manaus o candidato do Partido da Reconstrução Nacional, Fernando Collor de Mello, e o comício que realizou na última quarta-feira, não devem ter-lhe sido boa coisa a somar nessa sua caminhada rumo à Presidência da República. Primeiro, porque a inexpressividade em termos numéricos do eleitorado do Amazonas — algo em torno de 500 mil votos — não somará muita coisa ao universo do contingente eleitoral do País; e, em segundo, porque as cinco mil pessoas que foram ouvi-lo na Praça do Congresso — no primeiro comício desde 1960 por uma eleição presidencial direta — não chegaram a se entusiasmar com o seu discurso, já que a maioria apenas o aplaudia quando o alvo de suas críticas e acusações era o presidente José Sarney.

E mais uma vez a mídia eletrônica e impressa foi parte conivente importante do esquema promocional do candidato do PRN em sua visita ao Amazonas. Não que essa conivência tenha sido programada, esquematizada, dirigida. E que com os percentuais obtidos nas últimas pesquisas, Fernando Collor teve a seu favor o interesse da grande imprensa em mostrar ao País quem era esse novo fenômeno eleitoral, seu estilo político, sua estratégia de campanha, seu discurso. Esse fato fez com que os grandes jornais e as redes de televisão lhe oferecessem espaços nos seus jornais e telejornais, mais do que deram ao candidato tucano Mário Covas há 15 dias atrás quando veio a Manaus trazendo a tira-colo o cantor Moraes Moreira. Um comício feito às vésperas de um feriado próximo a um final de semana, em dia de jogo do Brasil, só poderia reunir público se tivesse alguma atração extra. Fernando Collor não fugiu à regra contratando dois conjuntos musicais de Manaus. É certo que muitas das quase cinco mil pessoas que compareceram à Praça do Congresso o fizeram com uma ponta de pura curiosidade.

própria da gente amazense — uma repetição da indole dos seus ancestrais índios —, para verem de perto a figura física, o discurso, os argumentos, do candidato. Quanto à questão física, as mulheres se encarregaram de mostrar a identidade do candidato com o eleitorado feminino, fato já sentido na sua chegada e no cortejo pelas ruas de Manaus. O discurso e os argumentos sobre como conduzir sua política econômica para a recuperação do Brasil, não encontraram eco nas camadas mais inteligentes da população.

Afinal, Fernando Collor usa os mesmos métodos da velha prática política que ele tanto tem criticado e prometido acabar se eleito. Comício com transporte gratuito para o povo; artistas para animar o público e segurá-lo até a fala do candidato. Os conjuntos musicais Carrapicho e Os Embaixadores, contratados ao custo de 1 mil cruzados novos a hora, cada um — tocaram durante três horas —, se encarregaram de manter o povo na praça e entusiasma-lo com suas lambadas, carimbós e muita música pop. A juventude presente vibrou. E mais: comício promovido em frente a colégios para oferecer aos estudantes mais uma oportunidade de fugirem à aula, trânsito interrompido pela interdição de vias públicas para prender o povo e fazê-lo comparecer ao comício. Todas são práticas ultrapassadas, que Fernando Collor está usando bem ao estilo dos conhecidos coronéis do Nordeste e de sua amada Alagoas. Tal esquema não foi do agrado de quem foi ao comício ver um "novo político", de práticas modernas.

Para políticos experientes como o ex-governador Gilberto Mestrinho, Fernando Collor não emplaca. "Tem um discurso vazio, sem consistência. Sua colocação nas pesquisas é mais modismo do que vontade e decisão definitiva e séria do eleitorado", acredita Mestrinho. O deputado Josué Filho, o mais votado do PFL em 1986 no Amazonas,

acha que Collor "sabe criticar mas não mostra as soluções práticas para a crise brasileira. Criticar é ótimo, dá lobo. O difícil é apresentar propostas viáveis e confiáveis para o povo acreditar no candidato". Para as mulheres não identificadas politicamente com o candidato do PRN, ele é apenas "bonito, elegante, que fala agora o que o povo queria ouvir bem antes", segundo a deputada Beth Suely (PMDB).

O ex-governador Gilberto Mestrinho, do alto de sua experiência de 35 anos de política, acha no entanto que se Fernando Collor superar as dificuldades que terá pela frente até agosto com as críticas e acusações, mas continuar crescendo nas pesquisas, "então sua candidatura será irreversível". Mas Mestrinho é de opinião de que outras candidaturas poderão crescer, na medida em que os discursos de campanha se vão difundindo.

"O Brizola pode crescer e deve crescer, o Aureliano pode deslanchar, e então o Collor pode cair", prevê o ex-governador. E certo também que os 500 mil votos do Amazonas não irão todos para Fernando Collor apenas. Eles serão divididos, porque o prefeito Arthur Neto, que domina hoje boa parte do eleitorado de Manaus, depois de sua eleição surpreendente contra Mestrinho, apoia Mário Covas, o governador Amazonino Mendes continua indeciso mas deve apoiar Brizola; e Mestrinho, pelo menos no primeiro turno ficará neutro. O certo, no entanto, é que a passagem meteórica de Fernando Collor por Manaus não impressionou o público como esperava seus assessores. A defesa da Amazônia serve para ganhar votos do eleitorado da região mas todos estão discutindo e prometendo colocá-la em seus programas de governo. Sua visita deixa apenas muitas dúvidas na cabeça do eleitor sobre a credibilidade do candidato em relação às suas posições. E muita incoerência nas suas afirmações.